



A Psicologia Frente ao Contexto Contemporâneo 2

Juliano Del Gobo
(Organizador)

 **Atena**
Editora

Ano 2018

Juliano Del Gobo

(Organizador)

A Psicologia Frente ao Contexto Contemporâneo 2

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P974 A psicologia frente ao contexto contemporâneo 2 [recurso eletrônico]
/ Organizador Juliano Del Gobo. – Ponta Grossa (PR): Atena
Editora, 2018. – (A Psicologia Frente ao Contexto
Contemporâneo; v. 2)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-017-9

DOI 10.22533/at.ed.179181912

1. Psicologia. 2. Psicologia e sociedade. 3. Pessoas – Aspectos
sociais. I. Gobo, Juliano Del. II. Série.

CDD 150

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O termo psicologia deriva da união das palavras gregas “psiché” e “logos”, traduzidas como o estudo da alma, mas apesar de suas origens terem raízes tão antigas como as primeiras hipóteses e teorias sobre o funcionamento psicológico. Ao longo de sua história, a psicologia esteve situada no campo da metafísica, em torno de interesses relacionados à essência do ser humano, a partir de questões como O que é a alma e onde ela está? O que possuímos ao nascer? Como conhecemos? Qual é a natureza humana?

Sua identidade atual é muito mais recente e nasceu em meio a ebulição científica na Europa do século XIX, tendo sido preciso se reinventar para atender aos critérios de cientificidade daquele tempo histórico e se constituir como ciência independente. A ciência nascida na Europa do século XIX ao desembarcar nos EUA do século XX foi demandada a torna-se um campo aplicado, onde passa a assumir um lugar social a partir de práticas psicológicas.

A partir do momento em que um conjunto de teorias e práticas vão sendo reconhecidas pelo corpo ampliado dos sujeitos que convivem em determinado tempo e cultivam de mesmos costumes, elas passam a influenciar as formas de reprodução da vida, pois tornam-se parte da cultura. Discutir a Psicologia como produto e matéria-prima da Cultura humana é reconhecê-la a partir de duas importantes características: a diversidade de suas produções e sua origem e continuidade histórica, refletindo a relação dialética entre as demandas e necessidades do conjunto ampliado da sociedade em dado tempo histórico.

Nesta obra, a consciência histórica da Psicologia é cobrada na qualidade ou condição de ser contemporânea, isto é no desafio de se reconhecer como parte da construção de seu próprio tempo histórico, a partir de reflexões e produções teóricas e práticas que abordam questões históricas, mas que se tornam emergentes na medida que nosso tempo histórico ousa enfrentá-las. Uma obra como essa é sempre muito importante porque traz ao centro do debate sobre a vida coletiva em sociedade e a concretude das condições de vida dos sujeitos, as quais são objeto de abordagem e análise. Em resumo, trata-se de introduzir uma discussão histórica, sociológica e filosófica a respeito do mundo que vivemos, das formas dominantes de existir no mundo e de como as PsicoLOGIAS contemporâneas são modos de tomar partido em relação às situações da vida cotidiana (FIGUEIREDO, 2015, p.30).

Dentro deste livro, estão contidas produções necessárias ao contexto contemporâneo, produções com posicionamento ético e também político diante de uma grande diversidade de temas e abordagens realizadas pelos autores. Assim, a diversidade de temas que o leitor encontrará nessa obra se une na medida que os debates estão sempre permeados pela posição ética e pela consciência de que a Psicologia tem responsabilidade com seu tempo histórico e com a vida coletiva.

Como a história segue seu próprio curso e qualquer tentativa de controle e previsão

sobre ela se mostram limitados, é necessário antes de tudo assimilar a contribuição importante do campo teórico e político da psicologia social, a qual revela que não há neutralidade na ciência e na prática da psicologia, uma vez que ela ou fornece elementos para a manutenção da estrutura social vigente ou para a transformação no modo de vida e da maneira de conceber os diferentes sujeitos na sociedade.

Desejemos aos leitores que desfrutem dessa obra e se deixem inundar com a profundidade dos artigos que seguem.

Juliano Del Gobo

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A TOXICOMANIA COMO EFEITO PARADOXAL DO DISCURSO CAPITALISTA	
<i>Luma de Oliveira</i>	
<i>João Luiz Leitão Paravidini</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1791819121	
CAPÍTULO 2	12
PERCEPÇÃO DOS FAMILIARES SOBRE SUA PARTICIPAÇÃO NO DESENVOLVIMENTO DA DEPENDÊNCIA QUÍMICA E NO TRATAMENTO E RECUPERAÇÃO	
<i>Suzel Alves Goulart</i>	
<i>Cibele Alves Chapadeiro</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1791819122	
CAPÍTULO 3	25
PARTICIPAÇÃO POLÍTICA NA ERA INFORMACIONAL	
<i>Pedro Cardoso Alves</i>	
<i>Ana Lúcia Galinkin</i>	
<i>José Carlos Ribeiro</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1791819123	
CAPÍTULO 4	44
A TEORIA PROSPECTIVA E SUA INFLUÊNCIA NO PROCESSO DE TOMADA DE DECISÕES FINANCEIRAS	
<i>Carolina Leão Giollo</i>	
<i>Ricardo de Queiroz Machado</i>	
<i>Edilei Rodrigues de Lames</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1791819124	
CAPÍTULO 5	61
ASSIMETRIAS NA APRENDIZAGEM VERIFICADAS NA AVALIAÇÃO DO PISA SOB A ÓTICA DE GÊNERO: UMA REFLEXÃO CRÍTICA	
<i>Magner Miranda de Souza</i>	
<i>Cláudio Educado Resende Alves</i>	
<i>Maria Ignez Costa Moreira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1791819125	
CAPÍTULO 6	76
REGRAS EMOCIONAIS: UM ESTUDO CORRELACIONAL COM TRABALHO EMOCIONAL E BURNOUT ENTRE TRABALHADORES EM SAÚDE	
<i>Rui Maia Diamantino</i>	
<i>Laila de Carvalho Vasconcelos</i>	
<i>Rosemilly Rafele Santos da Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1791819126	
CAPÍTULO 7	97
PSICOLOGIA CRÍTICA E ESTÁGIO EM POLÍTICAS PÚBLICAS – UM FAZERRESISTENTE	
<i>Giulia Ribeiro Limongi</i>	
<i>Kueyla de Andrade Bitencourt</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1791819127	

CAPÍTULO 8 100

COMPROMISSO SOCIAL DA PSICOLOGIA E A EVASÃO ESCOLAR DA ADOLESCENTE-MÃE NA EDUCAÇÃO BÁSICA DO MUNICÍPIO DE LADÁRIO-MS

Sandra Regina Rocha de Lima
Cláudia Elizabete da Costa Moraes Mondini

DOI 10.22533/at.ed.1791819128

CAPÍTULO 9 124

O DESENVOLVIMENTO DO PODER DE AGIR EM PROFISSIONAIS DO PROGRAMA CONSULTÓRIO NA RUA: CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Daniel Rangel Curvo
Francinaldo Do Monte Pinto

DOI 10.22533/at.ed.1791819129

CAPÍTULO 10 139

PRODUÇÃO DE SAÚDE E PARTICIPAÇÃO COM USUÁRIOS DE UM CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL INFANTO-JUVENIL

Luciana Vieira Caliman
Janaína Mariano César
Victoria Bragatto Rangel Pianca
Alana Araújo Corrêa Simões
Anita Nogueira Fernandes

DOI 10.22533/at.ed.17918191210

CAPÍTULO 11 150

DESAFIOS DA ATUAÇÃO DE PSICÓLOGOS (AS) NA ATENÇÃO A PESSOAS COM IDEAÇÃO E/OU TENTATIVA DE SUICÍDIO

Priscila Moura
Maria Lucia Pereira
Flávia Sallum
Alessandra Viana

DOI 10.22533/at.ed.17918191211

CAPÍTULO 12 159

OFICINA PSICOSSOCIAL COMO PRÁTICA DE PREVENÇÃO AO ABUSO SEXUAL CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Claudenilde Lopes dos Santos
Gabriel William Lopes
Amailson Sandro de Barros

DOI 10.22533/at.ed.17918191212

CAPÍTULO 13 170

ADOLESCENTES ACOLHIDAS E SEUS AFETOS: O QUE TEMOS COM ISSO?

Laura Ferreira Lago
Eduardo Augusto Tomanik

DOI 10.22533/at.ed.17918191213

CAPÍTULO 14 181

O PROJETO AVANÇO DO JOVEM NA APRENDIZAGEM E A REALIDADE DOCENTE

Maicon Alves Garcia
Aldenor Batista da Silva Junior
Sonia da Cunha Urt

DOI 10.22533/at.ed.17918191214

CAPÍTULO 15..... 196

QUANDO TRABALHAR É BRINCAR JUNTO: RECORTES DE UMA PESQUISA-INTERVENÇÃO NA CASA DOS CATAVENTOS

Ricardo André Cecchin

Rosemarie Gartner Tschiedel

DOI 10.22533/at.ed.17918191215

CAPÍTULO 16..... 212

O COLETIVO UERJ NAS SUAS MÚLTIPLAS REDES DE (RES)EXISTÊNCIA

Ulisses Heckmaier de Paula Cataldo

Iaponira Oliveira dos Santos

Ana Carolina Areias Nicolau Siqueira

DOI 10.22533/at.ed.17918191216

CAPÍTULO 17 224

SCHADENFREUDE E ESTEREÓTIPOS: OS LIMITES ENTRE ENDO E EXOGRUPOS

Ícaro Cerqueira

Marianne Cunha

Saulo Almeida

Vanessa Andrade

DOI 10.22533/at.ed.17918191217

SOBRE O ORGANIZADOR 232

CAPÍTULO 13

ADOLESCENTES ACOLHIDAS E SEUS AFETOS: O QUE TEMOS COM ISSO?

Laura Ferreira Lago

Mestre pelo Departamento de Psicologia,
Universidade Estadual de Maringá, Maringá –
PR; Psicóloga do Tribunal de Justiça do Paraná,
Londrina – PR – Brasil.

Eduardo Augusto Tomanik

Professor Voluntário do Programa de Pós-
Graduação em Psicologia, Universidade Estadual
de Maringá, Maringá – PR, Brasil.

RESUMO: Este estudo teve com objetivo investigar os afetos vividos por adolescentes acolhidas com 17 e 18 anos, no município de Londrina – PR, tendo como principal fonte suas histórias de vida. Foram 5 participantes, do sexo feminino, que passaram ou estavam passando pela experiência do desligamento da instituição de acolhimento devido a maioridade. Realizamos entrevistas semiestruturadas, tendo como guia o relato de cada adolescente sobre sua história de vida e os afetos sentidos, com destaque aos observados nos momentos antes do encaminhamento para instituições de acolhimento, durante a permanência no acolhimento institucional, na preparação para a vida independente e após o acolhimento institucional. Como base teórica, utilizou-se as noções de desenvolvimento e afeto elaboradas por Vigotski (1934/2001, 2000), Heller (1993) e Maturana (1998/2001) que convergem na ideia

de que o desenvolvimento humano é possibilitado pelas interações sociais e influenciado pelos afetos vividos. Com a pesquisa de campo, apresentamos as conexões possíveis entre as histórias individuais e os eixos de pesquisa: afetos e situações, afetos e relações, afetos e convenções sociais e vivências afetivas e experiência de vida. Notamos que além das precárias condições econômicas e sociais em que vivem, essas jovens são afetadas também por limitações afetivas e relacionais. As instituições conseguem suprir as necessidades materiais e sociais, porém não conseguem alterar o quadro das limitações afetivas e relacionais. Acredita-se ser este um entrave no cuidado de adolescentes acolhidas: a dificuldade de proporcionar relações que lhes permitam vivenciar e assim aprender a compartilhar afetos positivos e mais variados.

PALAVRAS-CHAVE: Adolescência.
Acolhimento Institucional. Afeto.

1 | INTRODUÇÃO

O presente artigo é composto de um recorte de algumas reflexões, expostas na dissertação de mestrado intitulada Adolescentes Acolhidas: O Caminho dos Afetos em suas Histórias de Vida, que surgiram da prática profissional em

políticas públicas de proteção à infância e juventude, que ao passar por diversas experiências em distintos programas, com estruturas de trabalho falhas, nos levou a problematizar a importância do ouvir para a Psicologia, a importância das histórias que estão sendo contadas, diariamente, por crianças, adolescentes, comunidades, para conhecermos um pouco de quem as conta.

No Brasil, diariamente crianças e adolescentes são colocadas em instituições de acolhimento, por diferentes motivos, sendo afastadas do convívio familiar. O acolhimento institucional é uma medida protetiva de direito regida pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA - Lei Federal nº 8069/1990), para os menores de idade que encontram-se em situação de risco e vulnerabilidade social. Existem 2.598 instituições de acolhimento cadastradas, com cerca de 30 mil crianças e adolescentes acolhidos (BRASILIA, 2013, p. 09). Observa-se um aumento significativo tanto de instituições de acolhimento quanto de crianças e adolescentes acolhidos em curto período de tempo.

O aumento das instituições e dos casos de acolhimento, não significam, necessariamente, que houve aumento das situações de violência contra crianças e adolescentes, mas pode também significar que aumentaram as denúncias de crimes contra a criança e o adolescente, e com isso a necessidade de criação de novas instituições de acolhimento e investimento em políticas públicas, por exemplo. Seria necessário uma pesquisa específica deste contexto para avaliação dos motivos que levaram ao aumento desses números.

A medida de acolhimento institucional possui caráter provisório e excepcional, e deve visar o retorno familiar, a colocação em família substituta ou a preparação para a vida independente. O Estado, via judiciário, deve optar pelo acolhimento quando precisa proteger a vida e outros direitos dos infantes, pois entende que a permanência com a família já afetou ou afetará o desenvolvimento saudável da criança ou adolescente.

A possibilidade de retorno familiar, colocação em família substituta ou adoção é mais provável quando a criança ainda têm pouca idade. Não sendo a realidade dos adolescentes, eles precisam ser preparados para a vida independente, já que a legislação e a sociedade entendem que ao completarem a maioria são responsáveis por si e devem ser desligados do serviço de acolhimento. A instituição é responsável pela preparação do adolescente para a vida independente, o que deve acontecer cotidianamente.

Para este adolescente, prestes a completar a maioria, que voltamos nosso olhar, observando através do relato de suas histórias de vida, as emoções que permearam seus caminhos e, seus reflexos no desenvolvimento. Utilizamos a concepção de desenvolvimento proposta por Vigotski (1934/2001), em que a criança é considerada um ser humano em formação, que se constitui no encontro com o outro, na relação com o mundo. Para este autor, a concepção de afetividade se liga à ideia de singularidade dos sujeitos, pois inicia-se fora do sujeito, em suas relações com outro e com o ambiente e depois se transfigura em processos internos, tendo dimensões tanto

sociais quanto individuais e influenciando o desenvolvimento humano.

Para tratar da afetividade no desenvolvimento infantil, utilizamos também a Teoria dos Sentimentos de Agnes Heller (1993), socióloga húngara e as pesquisas sobre desenvolvimento e emoção do neurobiólogo Humberto Maturana (1998). Os três autores acreditam que o desenvolvimento é possibilitado pelas relações humanas, que as emoções apresentam informações importantes sobre o ser humano, e que as interações sociais se dão pela via de emoções. Maturana sustenta que as emoções possibilitam a ação humana e cita uma emoção como fundamental para o desenvolvimento humano: o amor.

Com o auxílio destas teorias analisamos as histórias contadas por cinco adolescentes, com idade entre 17 e 18 anos, que estão, ou deveriam estar, em processo de preparação para a vida autônoma, com esperança de que esta análise nos proporcionasse um olhar diferenciado sobre a realidade imposta às crianças e adolescentes acolhidas no Brasil.

2 | SOBRE O DESENVOLVIMENTO INFANTIL E OS AFETOS

Vigotski defende que o desenvolvimento do ser humano se dá através de suas relações com os outros e com o mundo e, da mediação da cultura, que é construída historicamente, e depende das condições e interações sociais que vivencia. A criança aprende a pensar e a sentir a partir da relação com o outro e com o ambiente, em um processo complexo de transformação, tanto de fatores internos quanto externos a ela (PILETTI et al., 2014).

As emoções são processos elementares, oriundos do desenvolvimento biológico que, com a interferência do cultural, são transformadas em funções superiores, o que permite ao homem se emocionar diante de uma obra de arte, por exemplo. As funções psicológicas superiores são unidades que compõe uma totalidade que é o sistema psicológico humano, são modos de se relacionar com o mundo, com outros seres humanos e consigo mesmo (DELARI JÚNIOR, 2000).

Ao nascer, o sujeito passa a fazer parte de um ambiente repleto de significados simbólicos e afetivos, que diferem de acordo com o meio no qual o sujeito está inserido, a história deste grupo e sua cultura. Com essa configuração, é fácil compreender que, com as diferenças sociais e culturais, cada sujeito possa atribuir diferentes significados às suas vivências e assim, possa se relacionar com o ambiente e com o outro de maneiras diversas.

Os afetos são os efeitos produzidos no homem devido suas relações com o mundo, por isso os afetos nascem das interações do homem com o que o cerca, a sociedade, a cultura, os outros e ele mesmo, isso quer dizer que tudo que está a sua volta o afeta (HELLER, 1993). Os afetos auxiliam o homem a avaliar os acontecimentos, oferecendo uma valoração positiva ou negativa das situações vivenciadas, eles "(...) participam

ativamente da consciência que temos das situações vividas e do planejamento de nossas reações ao meio” (BOCK et al., 2002, p. 193) e ainda expressam um sinal ao outro.

Maturana (1998) propõe em sua teoria que o amor é o afeto que tem papel fundamental no desenvolvimento do ser humano e em suas relações. O amor, segundo ele, é sinônimo de co-existência respeitosa, pois se há amor, não há competição, mas sim compreensão e cooperação, onde um aceita o outro em sua legitimidade de ser o que se é, se construindo e se desenvolvendo mutuamente, permitindo que um provoque transformações no outro e simultaneamente transforme-se.

Se não é o amor a emoção que possibilita a interação, as relações se estabelecem pela rejeição, que funda o domínio de ações que nega o outro com legítimo na convivência. “Rejeição e amor, no entanto, são opostos em suas consequências no âmbito da convivência: a rejeição a nega e o amor a constitui” (MATURANA, 1998, p. 66). A recorrência da rejeição constitui um espaço de interações que resulta na separação, enquanto o amor constitui um espaço de interações recorrentes que se amplia e tende a estabilizar-se como tal.

Na vida das crianças e adolescentes acolhidos, supomos que a rejeição ocupe o lugar da emoção que permeia as interações com os outros, de acordo com a teoria de Maturana (1998), pois a rejeição constrói espaços em que o outro é negado como legítimo na convivência. Com tantas rejeições no caminho, ao que parece, a criança não consegue relacionar-se de outra maneira que não seja pela negação do outro. Imaginamos que seja o amor a possibilidade de resgate da condição de rejeição em que podem se encontrar estas crianças e adolescentes.

3 | TRAVESIAS METODOLÓGICAS

Foi no encontro entre o campo da realidade e a prática profissional que surgiram questões que levaram à proposta dessa pesquisa e a escolha da metodologia de pesquisa qualitativa, que prevê “(...) como atitudes fundamentais a abertura, a flexibilidade, a capacidade de observação e de interação com o grupo de investigadores e com os atores sociais envolvidos” (MINAYO, 1994, p. 101).

Utilizamos a coleta das histórias de vida através de entrevistas semiestruturadas, já que constatamos desde a experiência prática que o lugar que o sujeito ocupa hoje é resultado de uma história que viveu, articuladas à observação participante no âmbito do acolhimento institucional. Para as entrevistas elaboramos um roteiro de perguntas e apontamentos que sofreram influência do fluxo de raciocínio do entrevistado, respeitando e acolhendo sua singularidade. A pesquisa deve ser um processo de comunicação, um espaço em que exista o diálogo, exista a troca entre o pesquisador e o pesquisado. Estas são características “(...) das ciências antropológicas, já que o homem, permanentemente, comunica-se nos diversos espaços sociais em que vive”

(GONZÁLEZ REY, 202b, p.13) e, comunicando-se, imprime suas marcas.

Foram investigadas as relações dos sujeitos com suas famílias, seus genitores e quais as emoções foram nele produzidas quando do afastamento do convívio familiar. Os dados agregados foram interpretados, usando como referência teórica os conceitos apresentados brevemente acima. A partir da análise dos dados e da elaboração de eixos de compreensão dos mesmos, pudemos propor alternativas para atuação dos profissionais da Psicologia que subsidiem a transformação social e o melhor atendimento destes adolescentes acolhidos.

4 | OS AFETOS E AS ADOLESCENTES

Acreditamos que não haja uma natureza humana universal, não admitimos qualquer pensamento determinista pois, para nós e para os autores que escolhemos, a única universalidade possível é a de que a natureza humana é construída pelo homem e, assim, modificada. O mesmo acontece com os afetos, que se formam e transformam conforme as situações vivenciadas pelos sujeitos. Não há, no mundo dos afetos, nada fixo, cristalizado.

A partir desta compreensão e da análise do material coletado nas entrevistas, desenvolvemos resumos das vivências de cada adolescente entrevistada, o que nos levou a observação de que os afetos são situacionais e que para cada situação vivenciada há um ou mais afetos que são recordados e apresentados como marcantes. Os afetos que preponderaram nas histórias ouvidas podem ser considerados como fazendo parte de um grupo de afetos negativos, por seus efeitos e pelas situações diante das quais eles foram gerados. As adolescentes falaram de abandono, rejeição, medo, solidão.

Um dos afetos que foi relatado por todas as entrevistadas em diferentes momentos de suas histórias, a rejeição, se manifesta de modo e com intensidades diferentes conforme a situação vivenciada. Os afetos que são vivenciados repetidas vezes deixam marcas tão profundas que interferem no desenvolvimento psicológico e que passam a ser uma tendência afetiva duradoura, que se repete (HELLER, 1993).

Os afetos envolvem, sempre, interpretações pessoais, convenções sociais e memórias, marcadas em cada um por suas histórias de vida e não são reflexos diretos e automáticos dos acontecimentos nem reações padronizadas. Por outro lado, são também produzidos a partir do que o mundo oferece, das situações e das condições efetivas, e respondem a elas. Se queremos transformar os afetos precisamos proporcionar conjuntamente a mudança das situações vivenciadas, precisamos estar atentos para a necessidade de mudanças das condições de vida.

Notamos também que afetos são multideterminados, sendo influenciados pelas relações interpessoais estabelecidas pelo sujeito e não apenas pelas condições sociais. Todas as entrevistadas relataram vivências de relacionamentos negativos em

relação aos pais e familiares, por exemplo. Relacionamentos negativos são aqueles que não contribuem para a valorização individual e a aproximação mútua dos que estão neles envolvidos.

Quando referem-se ao que sentem em relação aos genitores, nossas entrevistadas expressam sentimentos de abandono, rejeição, desamparo, medo e raiva. Relações negativas levaram a sentimentos negativos. Nos constituímos a partir dos outros e aos outros constituímos através de processos relacionais de transformações. Isto nos alerta para o tipo de relação que esses atores (pai, mãe, avós) proporcionaram e ofereceram às adolescentes em tela, já que essas relações influenciaram o que foi sentido e reproduzido por elas. Pelos seus relatos é possível perceber que as relações interpessoais vivenciadas na infância foram prioritariamente negativas e envolvendo afetos que variavam, na maioria dos casos, apenas entre a ausência, a agressão e o desprezo.

Nossas entrevistas, não por coincidência, relataram sentir poucos afetos que poderíamos considerar como positivos ou agradáveis e demonstraram ainda muita dificuldade em dizer como eles seriam, mesmo que de forma bastante simples. As adolescentes não conseguem expressar o que não aprenderam a sentir, e não aprenderam por que não tiveram, ou tiveram muito poucas oportunidades de vivenciá-los.

Supomos então, que o problema delas não está em não saber definir ou descrever certos afetos, mas sim no fato de não tê-los vivenciado e, conseqüentemente, de não saber reconhecê-los quando lhes são ofertados nem poder ofertá-los, quando isto seria possível e desejável. Ao longo de suas vidas, existiram e existem limites tanto na quantidade de afetos experienciados quanto na qualidade e na diversidade dos poucos afetos que lhe foram proporcionados, gerando um repertório cognitivo pobre de afetos.

Entendemos, portanto, que a compreensão plena dos afetos dependerá da existência de oportunidades e de pessoas com as quais possamos vivenciá-los e compartilhá-los. Pensamos que um dos fatores da dificuldade que as adolescentes apresentaram de mudar seus repertórios de afetos, está na falta de vivências afetivas positivas, pois como haver o desejo sem a experiência? Observamos que os poucos afetos positivos relatados, pareciam não ter sido vivenciados por elas e constituírem apenas idealizações derivadas das convenções sociais sobre eles.

Os afetos são convencionalizados, também. De acordo com Breton (2009) a sociedade, através da linguagem, nos informa que afetos existem, quando e onde devem ser vivenciados e como eles podem e devem ser experienciados e expressos. Assim como as convenções sociais, os afetos podem ser normas estabelecidas socialmente e compartilhadas por participantes de grupos sociais.

As entrevistadas falam do amor de mãe como um afeto convencional, previsto, porém idealizado, distante da realidade afetiva vivenciada por elas que é a da rejeição, do abandono. A cultura em que nasceram e cresceram tem como uma das convenções

sociais o “amor de mãe” que pressupõe um amor inerente a mulher que se torna mãe, um amor incondicional ao filho. Suas histórias, entretanto não possibilitaram que vivenciassem essa forma de amor.

As histórias de vida de nossas entrevistadas envolveram situações de risco físico, violência, abuso sexual, uso de drogas e abandono. Em grande parte, estas experiências ocorreram em momentos nos quais elas não dispunham, ainda, de condições de enfrentamento ou mesmo de compreensão daqueles acontecimentos. Foram situações, ao que parece, maiores que suas capacidades de resolução e na maioria daquelas situações elas não contaram com pessoas que pudessem auxiliá-las nessa tarefa.

Apesar disso, ao relatarem suas histórias, as entrevistadas falaram daquelas situações com naturalidade e sem o assombro que nos acomete ao ouvi-las. A maior parte dessas vivências relatadas aconteceu nos anos considerados cruciais para o desenvolvimento humano, a infância, e hoje fazem parte do repertório de afetos de cada uma delas. As principais pessoas que permearam essas vivências eram familiares, pais, mães, avós e pelo pouco que sabemos deles, suas histórias são também complexas, cheias de vivências difíceis e, possivelmente, além de suas possibilidades de resolução e até de compreensão. Foram estas vivências e os resultados delas que eles transmitiram e compartilharam com suas filhas, como uma herança familiar, através da troca, da convivência, dos exemplos, ou seja, das relações que estabeleceram com elas.

Olhando para as histórias aqui contadas surgem entretanto, as seguintes perguntas: como alguém pode oferecer relacionalmente o que não vivenciou, não experienciou? Como pode proporcionar ao outro ser legítimo na convivência se ele próprio não foi legitimado em suas convivências anteriores? O que podemos dizer, a partir de nossa experiência, é que as relações são construídas e podem ser transformadas, mas dependem das disposições de cada um, de suas histórias, do que foi aprendido e vivenciado. Assim, faltou às adolescentes vivenciar relações pela via do amor, segundo a definição de Maturana (2002), pois muito provavelmente a quem proporcionou suas primeiras relações também faltou esta vivência.

Faltaram também às nossas entrevistadas experienciar relações de diálogo: nada lhes era explicado, pouco lhes era dito. Pelo que contam, suas relações familiares se davam pela via da rejeição, da violência, do desrespeito. Na transição de suas vidas familiares para as condições de acolhimento, boa parte destas condições foi mantida. Todas relataram que, momento do acolhimento, não sabiam bem para onde estavam indo ou porque estavam sendo levadas ou mesmo quem as estava levando. Até hoje algumas delas possuem dúvidas quanto ao motivo do rompimento do seu convívio familiar.

Assim, suas trajetórias de vida, suas memórias (que poderiam e deveriam ser clarificadas e realimentadas em suas relações com os outros) permanecem como partes desconexas ou um território nebuloso. Não é de estranhar que suas identidades,

seus sonhos e planos de futuro e boa parte de seus afetos apresentem características semelhantes.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o início da pesquisa, quando ainda no campo das ideias, tínhamos como desejo fugir da análise óbvia e esperada, buscando a quebra de uma visão simplista que não nos possibilita questionar algumas das ideias que circulam e que são mantidas em nossa sociedade.

Sabemos que é um conjunto social que produz e mantém boa parte de sua população vivendo em condições econômicas e culturais desfavoráveis e precárias, e não um indivíduo, o que nos afasta do caminho da culpabilização individual. Estas condições contribuem fortemente para que muitos deles passem a adotar alternativas de conduta que se, por um lado, aliviam ou anestesiam o sofrimento da percepção de suas condições, o vazio e a falta de perspectivas, por outro lado contribuem para a manutenção ou mesmo a deterioração ainda maior daquelas condições. Sem terem aprendido a relacionar-se como iguais ou sem ter mais condições de fazê-lo, transmitem, provavelmente como sua herança social mais forte, seus exemplos de condutas imobilizantes e suas limitações afetivas e relacionais.

A geração seguinte tende a reproduzir este quadro. Algumas das instituições que a sociedade cria como modo de (ao menos oficialmente) tentar interromper estes ciclos até conseguem oferecer melhores condições materiais e possibilidades de aprendizado. No entanto, tudo indica que não vêm conseguindo romper ou alterar o quadro de limitações afetivas e relacionais trazidos pelas pessoas que acolhem.

São histórias que passeiam diariamente por nosso pensamento, desafiando nosso saber e nosso fazer. Nosso modo de propor a leitura dessas histórias produziu consequências diretas em nossas práticas sociais, tanto do trabalho quanto em nossa militância em defesa da vida. Nosso jeito de ouvir transformou-se com essa experiência, possibilitando novos focos de atenção, de interesse. Foi esse nosso maior aprendizado: a forma de olhar e perceber o sujeito muda quando temos como foco os afetos.

Mesmo com o limite da interpretação sobre a interpretação do outro, pudemos mapear as emoções que perpassaram as histórias das adolescentes e identificar em quais momentos foram sentidas, o que nos levou a diferenciar quais afetos foram marcantes durante o desenvolvimento de cada uma. Foram afetos negativos os que mais apareceram nas entrevistas e os que se repetem e se ampliam em suas histórias de vida. Rejeição, abandono, desamparo, vivências que se repetiram a cada nova relação que experienciavam.

Percebemos com a pesquisa e com nossa prática cotidiana que, para possibilitar a experiências diferentes e variadas, devemos investir na qualidade do encontro com

o adolescente, devemos investir em construir boas relações com os adolescentes atendidos, relações permitam legitimá-los e resgatá-los de sua condição de rejeitado. Nosso papel, enquanto agentes do sistema de garantia de direitos, deveria ser o de possibilitar ao adolescente um processo autônomo de construção de conhecimento afetivo.

Insistimos na importância e necessidade de olharmos para os afetos, de pensarmos em educação afetiva, onde o coletivo proporcione ao indivíduo a construção saudável de sua singularidade. As políticas públicas em seus planos de ação contudo, tendem a padronizar o indivíduo, legislando para o coletivo e deixando de lado as singularidades, perdendo a eficácia de sua ação.

Sabemos que para a construção de Políticas Públicas muitas pesquisas são realizadas, muitos números e estatísticas levantadas e muitos planos de ação são propostos, contudo notamos que os usuários dessas políticas geralmente não são ouvidos e não participam do seu processo de construção. Essa lógica favorece a falta de efetividade das políticas. Devemos nos afetar, no sentido proposto por todos os autores citados neste estudo, nos implicar, ir atrás, favorecer a construção de políticas realmente públicas.

Apesar do desejo de querer fugir do óbvio na análise e conclusão desta pesquisa, pensamos que para transformar esse sentimento de abandono, de desamparo em sentimentos positivos, em potência de vida, precisamos nos atentar para os afetos dos adolescentes acolhidos e proporcionar relações que lhes permitam vivenciar outros afetos e para além disso, precisamos falar sobre os afetos! Precisamos conversar sobre os afetos, falar ao outro o que sentimos, ouvir o que o outro sente, trocar: precisamos ensinar e aprender a compartilhar afetos.

REFERÊNCIAS

ASSIS, S. G. **Crianças e Adolescentes e Serviços de Acolhimento: Limites, Possibilidades e Perspectivas**. In: Assis, S. G.; Farias, J. P. (org) São Paulo: Hucitec, 2013.

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O; TEIXEIRA, L. T. T. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. São Paulo: Saraiva, 2002.

BRASIL. **Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente/Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária**. Brasília, 2000.

BRASIL. Lei n.º 8069, de 13 de julho de 1990. **Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências**. Brasília, 1990.

BRASÍLIA. Conselho Nacional do Ministério Público. Relatório da Infância e Juventude – Resolução n. 71/2011: **Um Olhar mais Atento aos Serviços de Acolhimento de Crianças e Adolescentes no País**. Brasília, 2013.

DELARI JÚNIOR, A. **Consciência e Linguagem em Vigotski: Aproximações ao Debate sobre Subjetividade**. Campinas: Universidade de Campinas, 2000.

FACCI, M. G. D. **A periodização do desenvolvimento psicológico individual na perspectiva de Leontiev, Elkonin e Vigostki**. Campinas: Cadernos CEDES, 2004.

HELLER, A. **Teoria de los Sentimientos**. México: Coyoacán, 1993.

LE BRETON, D. **As Paixões Ordinárias: Antropologia das Emoções**. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

LEITE, H. A.; SILVA, R.; TULESKI, S. C. **A Emoção como Função Superior**. In: Interfaces da Educação. Paranaíba, 2013.

LEITE, I. **Emoções, Sentimentos e Afetos** (uma reflexão sócio-histórica). Araraquara: Junqueira & Marin editores, 2005.

MATURANA, R.H. **Cognição, Ciência e Vida Cotidiana**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

_____. **Emoções e Linguagem na Educação e na Política**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

MINAYO, M. C. S. DESLANDES, S. F.; NETO, C.; GOMES, R. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Editora Vozes, 1994.

NEGRÃO, A. V. G.; CONSTANTINO, E. P. **Acolhimento Institucional em Tempos de Mudança: uma questão em análise**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

OLIVEIRA M. K. **O problema da afetividade em Vygotsky**. In: La Taille, Y. (Org.) Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.

PARANÁ. **Conselho Estadual de Defesa da Criança e do Adolescente**. Política de atendimento dos direitos da criança e do adolescente no Estado do Paraná. Curitiba, 2001.

PILLETI, N.; ROSSATO, S. M.; ROSSATO, G. **Psicologia do Desenvolvimento**. São Paulo: Contexto, 2014.

PRESTES, A. B. **Ao Abrigo da Família: emoções, cotidiano e relações em instituições de abrigamento de crianças e adolescentes em situação de risco social e familiar**. Curitiba: CRV, 2011.

PRINCESWAL M. **O Direito à Convivência Familiar e Comunitária sob o Paradigma da Proteção Integral**. In: Assis, S. G.; Farias, J. P. (org) (2013) Levantamento Nacional das Crianças e Adolescentes em Serviços de Acolhimento. São Paulo: Hucitec, 2013.

REY, F. G. (2002a). **Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios**. Trad. Marcel Aristides Ferrada Silva. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.

_____. (2002b). **Pesquisa Qualitativa e Subjetividade: os processos de construção da informação**. Trad. Marcel Aristides Ferrada Silva. São Paulo: Cengage Learning.

RIZZINI, I. **Assistência à infância no Brasil: uma análise de sua construção**. Rio de Janeiro: Edusu, 1993.

SANTOS, A. C. R. **O Acolhimento Institucional de Crianças e Adolescentes: protege ou viola?** Porto Alegre: PUCRS, 2001.

SAWAIA, B. B. **A emoção como locus de produção do conhecimento - uma reflexão inspirada**

em Vygotsky e no seu diálogo com Espinosa. In: Anais da Conferência de pesquisa sócio-cultural: Campinas, 2000.

SILVA E. R. A. **O direito à convivência familiar e comunitária: os abrigos para crianças e adolescentes no Brasil.** Brasília: Ipea/Conanda, 2004.

SIMIONATO, M. A. W; TOMANIK, E. A. **Projeto de Pesquisa: Psicologia Social dos Afetos.** Maringá, 2012.

TINOCO, V; FRANCO, M.H.P. **O luto em instituições de abrigamento de crianças.** Campinas: Estudos de Psicologia, 2011.

TOMANIK, E. A. **O Olhar no Espelho: “conversas” sobre a pesquisa em Ciências Sociais.** Maringá: Eduem, 2004.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** S. Paulo: Martins Fontes, 1934/2001.

_____. **A construção do pensamento e da linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1991/2000.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-017-9

